

Uma nota a Catulo 8 e 58: a fragmentação do ego e a vulgarização de Lésbia

*A note on Catullus 8 and 58: the fragmenting
of 'ego', and Lesbia's vulgarization*

Paulo Martins*

Resumo: Um aspecto diferencial da poética de Catulo, que será seguido por outros poetas, é a utilização de seu próprio nome em sua poesia, apresentando-o um *ego* "plurívoco" como foi mostrado por Greene (1995), isto é, esse *ego* pode emergir da poesia na primeira pessoa do singular ou plural, na segunda pessoa do singular ou na terceira pessoa do singular. Esta suposta "inconsistência" gramatical não indica um *uitium elocutionis* contra a *puritas* ou a *latinitas* do discurso poético, ao contrário, deve ser lida como uma *uirtus* poética que é operada na estrutura argumentativa da coleção, ainda que possamos identificar nesse *corpus* um único livro, ou três. Este artigo tem o objetivo de aferir como podemos ler este fato linguístico em função de uma estrutura argumentativa que visa a sustentar o desenho da *persona* poética Lésbia na narrativa da coleção de Catulo.

Abstract: A distinguishing feature of Catullus' poetics, which was followed by other poets, is the use of his own name to present a "multivoiced ego" in his poetry, as it has been shown by Greene (1995), i.e., this ego can emerge from poetry in the first person singular or plural, in the second person singular or in the third person singular. This supposed grammatical "inconsistency" does not indicate a *uitium elocutionis* against the *puritas* or *latinitas* of the poetic speech, but it must be seen as a poetic *uirtus* which operates in the argumentative structure of his collection, no matter if we identify either one or three books of poetry in this *corpus*. This article aims to show how we can read this linguistic fact considering an argumentative structure whose purpose is to support the delineation of Lesbia's poetic persona within the narrative of Catullus' collection.

Palavras-chave:

Catulo 8;
Catulo 58;
Ego plurívoco;
Lésbia;
Vulgarização.

Keywords:

Catullus 8;
Catullus 58;
Multivoiced ego;
Lesbia;
Vulgarization.

Recebido em: 07/06/2015
Aprovado em: 05/08/2015

* Professor Livre-Docente – Associado de Língua e Literatura Latina da Universidade de São Paulo (USP/IAC). Visiting Professor no KCL, University of London; Visiting Fellow na Yale University e Bolsista Pq – CNPq.

The multivoiced ego in Catullus' poems does not merely dramatize ambivalence in Catullus' feelings toward his mistress but illustrates in a more general way the fragmenting effects of amor on the self (GREENE, 1995, p. 77).

Primeiras palavras

Minha intenção nesta nota de leitura é avaliar o uso da referência pessoal à *persona* poética "Catulo", em matizes variados (1ª pessoa – singular e plural –, 2ª e 3ª pessoas) como elemento produtivo no processo de argumentação do discurso poético, explicitado pela "plurivocidade" do *ego* que fala nessa poesia. Tal fenômeno pode estar, a meu ver, a serviço da construção do ἦθος de outra *persona* poética, a de Lésbia que, no decurso da narrativa da coleção, ganha contornos éticos múltiplos – da amada à prostituta –, (FITZGERALD, 1996, pp. 27-28) o que imprime, de um lado, um caráter jocoso a esta coleção e, de outro, um perfil complexo dessa *persona*. Se muito já se falou acerca de aspectos referenciais da poesia erótica de Catulo, ou mesmo, dos poetas elegíacos que a ele se filiam, muito pouco se tratou de certos aspectos linguísticos que sustentam a intencionalidade de neblinar a área fronteira entre realidade vivida e narratividade poética. Isto é, pouco se tratou dessa poética que intencionalmente se funda na dicção garantida por uma suposta "inconsistência" linguística.

Quanto à construção das *personae*, já observei, em outros momentos, que a poesia elegíaca, assim como a erótica polimétrica constroem seus agentes narrativos com base em moldes pinçados numa realidade concreta de sorte que, longe de se constituírem como reais, são *personae* poéticas ricas e complexamente construídas que produzem sob a perspectiva poética e retórica um efeito fidedigno de realidade, ou seja, são tão verossimilmente coadunadas a uma realidade que produzem *fides* (MARTINS, 2009, 129-150); (ALLEN, 1950, *passim*). Entretanto, as *personae* poéticas construídas na elegia e na erótica, além dessa limitação prescritiva e estrutural, fundadas em doutrinas poético-retóricas circulantes à época de sua produção, também guardam níveis importantes de referencialidade que, a meu ver, só fizeram aumentar a leitura equivocada da crítica positiva dos séculos 19 e 20 que atribuía a elas, *personae*, realidade biográfica, uma vida, digamos, "extra-poética". Assim, os jovens rapazes agentes na elegia e na erótica são *adulescentes* cujas ações têm paradigmaticamente um Célio como molde – penso aqui no *Pro Caelio* de Cícero –, afinal vivem sua mocidade cumprindo uma etapa de vida a que Sêneca chama de *tirocinium adulescentiae*¹ (aprendizado da juventude) e Cícero, de *uacatio*

¹ Sen., *Con.* 2.6.

*adulescentiae*² – diversão da juventude – (FEAR, 2005, pp. 14-18), ou, como já argumentei, agem de acordo com uma *maneira grega ou elegíaca de ser*. (MARTINS, 2015^b) E, as moças, seus pares amorosos, nominadas na erótica sob a alcunha de Lídia (em Horácio) e Lésbia (em Catulo), por exemplo, ou na elegíaca, como Corina (em Ovídio), Cíntia (em Propércio), Licóride (em Galo) ou Délia (em Tibulo), são desenhadas pelos poetas sob a tutela modelar, penso eu, da Clódia e da Volúmnia – de Cícero –, ou da Semprônia – de Salústio –, mulheres em cuja devassidão e refinamento estão pautados seus ἦθη, isto é: cortesãs, lenas, dançarinas, poetisas e prostitutas (VEYNE, 1985, p. 107-108); (WIKE, 2002, p. 47-49, 227); (MARTINS, 2015^a); (MARTINS, 2015^b). Quanto a essas mesmas *personae*, sejam rapazes ou moças, por sua *maneira de agir ou maneira de ser*, há quem defenda, e me incluo entre esses, que sigam também uma outra matriz de composição, longe, do gênero historiográfico, oratório ou epistolar que os delineariam, os da comédia plautina. (SKINNER, 1971, p. 299); (GRIFFIN, 1976, p. 90); Martins (2015^b).

Assim, nos soam bem razoáveis as posições de Lyne e de Griffin. O primeiro entende essa poesia como artefatos verbais que prenunciam, encarnam, desenhando vividamente a vida romana do período; (LYNE, 1980, p. viii e *passim*); já o segundo compreende que a elegia amorosa – e acredito que também a erótica polimétrica –, não é nem uma janela aberta que proporciona vislumbres das vidas romanas individuais, tampouco um espelho que oferece uma reflexão clara da sociedade, mas uma imagem de realidades romanas sobre as quais foi pintado um dignificante, idealizante verniz de recursos poéticos. (GRIFFIN, 1985, p. 105).

Outra questão preliminar que devo alertar é o nível de significação que podemos extrair de um único poema da coleção ou como ele se comporta em relação a outros ou a toda a coleção. Nesse sentido, Gaisser (2009, p. 31-32) precisamente nos alerta a este respeito dizendo:

A poem by itself differs from a poem in a collection as a single flower differs from a flower in a bouquet or garland. The one is a discrete or isolated entity; the other is part of an ensemble with which it exists in a mutual relationship, each interacting with and enhancing the other. And since the garland or collection has that relation with each of its constituent elements, and each element with all the others, the ensemble has a greater potential for meaning and beauty than the sum of its parts. But our analogy of the bouquet is imperfect. Unlike a bouquet, a poetry collection is not fixed but dynamic; each of its elements is complex, with its constituent themes both shaping the individual poem and resonating with the multiple themes of other poems across the collection.

Nosso método de análise parte de uma das relações possíveis que se pode verificar tendo em vista: a) o sentido que um fato linguístico produz observado isoladamente

² Cic., *Cael.* 30.

num poema; b) como esse sentido extraído desse poema pode ser aplicado a um outro poema; e c) como a aplicação desse elemento pode sugerir uma leitura possível para uma das *personae* poéticas que agem na coleção como um todo. Dessa maneira, trabalho basicamente com dois poemas que, segundo Gaisser, operam processos semelhantes, afinal no poema 8 temos a dicotomia entre o passado e o presente, e no 58 temos “Catullus’ love and Lesbia’s degradation” (GAISSER, 2009, p. 36).

Carmen 8

Quando observamos o poema 8 que, para Fitzgerald (1996, p. 121) e Dyson (1973), deve ser considerado um par temático do poema 76, alguns elementos nos chamam a atenção, mas principalmente a nomeação do interlocutor logo na segunda palavra do primeiro verso – não que esta posição seja algo esdrúxulo em si mesmo –, mas sim, a identificação dessa segunda pessoa com o próprio poeta é algo evidentemente novo, ou, pelo menos, pouco comum. Nas *nugae* 6 e 7, cujos interlocutores eram respectivamente, Flávio e Lésbia, Catulo já havia sido proposto em terceira pessoa do singular: *Flavi, delicias tuas Catullo* (6.1) e *uesano satis et super Catullo est* (7. 10). Na *nuga* 8, Catulo inusitadamente se apresenta em vocativo, produzindo, por assim dizer, na estrutura narrativa de seu *nouus libellus*, um diálogo dele consigo mesmo, ou o descolamento entre o sujeito da enunciação poética e a imagem do próprio poeta: *Miser Catulle, desinas ineptire...* (8.1). Seja como for, os três versos seguintes mantêm a dicção do poema em que o eu-lírico, supostamente Catulo, interpela o seu interlocutor, explicitamente Catulo:

Miser Catulle, desinas ineptire,
et quod uides perisse perditum ducas.
fulsere quondam candidi tibi soles,
cum uentitabas quo puella ducebat
amata nobis quantum amabitur nulla.

Catulo infeliz, põe de lado a loucura
e o que pereceu considera perdido.
Outrora brilharam-te cãndidos sóis
quando ias aonde levava a menina
amada por nós qual nenhuma será.³

Ocorre, entretanto, no verso 5, o surgimento de um pronome de primeira pessoa do plural, *nobis*, que produz um efeito interessante, já que ele pode ser entendido, seja

³ A citação de textos antigos segue as abreviaturas do OLD para obras em Latim e do LSJ para obras em Grego. Catull. 8.1-5. Todas as traduções aqui apresentadas são de João Angelo Oliva Neto, revisadas para a segunda edição revista e ampliada d’ *O Livro de Catulo*.

como pronome cuja referência é apenas o *ego*-lírico, tomado majestaticamente, seja como uma referência que é a soma do *ego* que fala no poema e do *tu* que já fora enunciado. Em qualquer um dos casos, a *puella* tem papel importantíssimo, dado que pode ser a responsável pelo inconformismo apenas do *tu*, Catulo, ou ser objeto do amor de ambos, do *ego/nos* (que fala no poema) e do *tu* (a quem se fala no poema). A *puella*, seja como for, está presente na vida de ambos e mantém ambos sob seu comando, seu controle sobre eles, *ego/nos* ou *tu*, o que amplia sua relevância na estrutura narrativa. A *puella*, que eu creio ser Lésbia, já que as primeiras *nugae* ocupam-se principalmente dela, além de ser “amada por nós”, ela (*illa - puella*) é responsável por ações *multa iocosa* as quais não o *tu* ou o *nos* desejava e *illa* não parava de querer:

ibi illa multa tum iocosa fiebant,
 quae tu uolebas nec puella nolebat.
 fulsere uere candidi tibi soles.

lá muitos deleites havia que tu
 querias tão bem e ela não mal queria.
 É certo, brilharam-te cândidos sóis...⁴

Ainda que a palavra *iocus* ou seu correspondente adjetivo *iocosus* não sejam utilizados explicitamente sob a rubrica sexual, de acordo com o **OLD**, parece-me inegável que seu campo semântico seja o mesmo de *ludus*, de sorte que eu acredito que *iocosa* neste caso específico qualifique as atividades sexuais da *puella*, cuja principal característica é ser realizada em profusão, afinal são *multa iocosa*. Ernout e Meillet (1985, p. 322) assim atestam: *Uni également à ludus 'jeu en action'*. E ainda apresentam como exemplo Cícero no *Sobre os Deveres: neque enim ita generati a natura sumus, ut ad ludum et iocum facti esse uideamur, ad seueritatem potius et ad quaedam studia grauiora atque maiora*.⁵ Mesmo em Catulo, temos outros exemplos, que, creio, corroboram a aproximação do campo semântico dos dois termos: *subducat numerum prius,/ qui uostri numerare uolt/ multa milia ludei*⁶, ou ainda: *Hesterni, Licini, die otiosi/ multum lusimus in tuis tabellis,/ ut convenerat esse delicatos:/ scribens versiculos uterque nostrum/ ludebat numero modo hoc modo illoc,/ reddens mutua per iocum atque vinum*.⁷ Fitzgerald (1996, p. 45) comentando uma carta de Plínio e o poema 50 afirma que esta competição amigável entre Catulo e Calvo – já que ambos concordaram em ser *delicati* – nos faz pensar numa conotação

⁴ Catull. 8.6-8.

⁵ Cic., *Off.* 1.103. Em verdade, não fomos gerados pela natureza de modo tal que pareçamos afeitos aos jogos e às pândegas, mas sim a severidade e aos compromissos mais graves. Tradução de Angélica Chiappetta.

⁶ Catull. 61.209-10: antes quem/ quiser contar os gozos/ mil, milhões, que tereis.

⁷ Catull. 50.1-6: No ócio de ontem, Licínio, muitas lides/ mantivemos em verso nas tabuinhas/ quando o trato era sermos delicados./ Cada qual escrevendo versos breves,/lidava cá num metro, lá com outro,/em troca mútua em meio a gozo e vinho.

homossexual, entretanto jamais poderemos excluir deste poema a convenção literária. Gunderson (1997, p. 203) alerta para a necessidade de estabelecer-se o nexo ou conotação sexual nesse poema:

The repetition of *ludere* might mean merely "to have a good time". "Ocelle" could just be a bland word of affection. In both cases, though, here are many clear parallels throughout Latin elegy where sexual sport and glancing are designated by these two words. If we start with an erotic reading of these words and hold fast to this reading for the rest of the poem, an interesting nexus emerges binding literature to desire.

Entendo, portanto, que a associação dos referentes pessoais eu, tu e nós que antecedem as "*multa iocosa*", sucedidos pelo anúncio de um "ele" Catulo nos vv.12 e 13: "*uale, puella, iam Catullus obdurat,/ nec te requiret nec rogabit inuitam*", a meu ver, emoldura a construção do ἥθος de Lésbia/*puella* como uma mulher cujos favores sexuais são frequentes e muitos, além de serem dispensados a homens indiscriminados e variados, portanto não somente a Catulo, mas a um "nós", um coletivo e genérico.

Carmen 58

Essa leitura do poema 8 pode ser sustentada por argumento favorável no poema 58:

Caeli, Lesbia nostra, Lesbia illa,
illa Lesbia, quam Catullus unam
plus quam se atque suos amavit omnes,
nunc in quadriuis et angiportis
glubit magnanimos Remi nepotes.⁸

Célio, a minha Lésbia, Lésbia, aquela,
aquela Lésbia só a quem Catulo
mais do que a si amou, mais do que aos seus,
hoje costuma em becos e quadrívios
filhos de Remo descascar magnânimo.

A *nuga* 58 reestrutura a narrativa da primeira parte do livro de Catulo, pois apresenta parataticamente dois momentos narrativos: o passado realizado (*amavit*) e o presente em curso (*nunc...glubit*), assentados ambos na anáfora "*Lesbia*", termo repetido três vezes nos dois primeiros versos, e no quiasmo construído entre o segundo hemistíquio do primeiro verso e no primeiro hemistíquio do segundo verso: "*Lesbia illa/ illa Lesbia*". Essa construção visa a amplificar a figura em torno da qual a primeira parte do livro de Catulo se assenta: Lésbia.

⁸ Catull. 58. Tradução de João Angelo Oliva Neto.

Observando o passado, pode-se dizer que Catulo *amou* Lésbia e que esse amor estava restrito à intimidade da *domus*, à qual apenas ele, Catulo, tinha acesso. Tal restrição de acesso nos é indicada pela aproximação entre o amor de Lésbia e o dos parentes próximos de Catulo, indicados em "*suos omnes*". Assim, tanto "todos os seus", como "Lésbia" estão sob o mesmo teto, o teto da família, da *gens*, do privado. Sob a perspectiva presente, o pequeno poema 58 aponta para o espaço público para o "*quadriuium*" – o encontro de quatro vias – e para o "*angiportum*" – o beco, a alameda. Entretanto esse não é o espaço do decoro da atividade civil, antes é a aquela parte do espaço público que serve às atividades mais que "privadas", as sexuais da rua que podiam e ainda podem lá ocorrer. Para o termo, "*angiportum*", valem aqui os versos da ode 1.25 de Horácio cujo tema é a falta de jovens que possam "frequentar" a casa de Lídia, que, velha, já não tem mais amantes. Vejamos:

Parcius iunctas quatiunt fenestras
iactibus crebris iuuenes proterui
nec tibi somnos adimunt amatque
ianua limen,

quae prius multum facilis mouebat
cardines. Audis minus et minus iam:
"me tu longas pereunte noctes,
Lydia, dormis?"

Inuicem moechos anus arrogantis
flebis in solo leuis angiportu
Thracio bacchante magis sub interlunia
uento,

cum tibi flagrans amor et libido,
quae solet matres furiare equorum,
saeuiet circa iecur ulcerosum,
non sine questu,

laeta quod pubes hedera uirenti
gaudeat pulla magis atque myrto,
aridas frondes hiemis sodali
dedicet Euro⁹

Mais raramente libertinos iuuenes batem,
com numerosos golpes, na fresta fechada,
nem te privam do sono. A porta, que antes movia
mui facilmente as dobradiças,

agora ama a soleira. Escutas cada vez
menos: 'tu, Lídia, dormes, enquanto eu pereço,
eu que fui teu por longas noites'. Por tua vez,
velha, num beco solitário,

⁹ Hor., *Carm.* 1.25: Tradução de Alexandre Pinheiro Hasegawa.

volúvel, chorarás os amantes soberbos,
quando o vento da Trácia, sob um interlúcio,
enraivece-se mais; enquanto o amor ardente
e o entusiasmo, que costuma

enfurecer as mães dos cavalos, te irritam
em teu fígado cheio de úlceras, e não
sem tua queixa: que a alegre juventude mais
se regozije com a hera

verdecejante que co' o mirto escurecido;
que a alegre juventude venha a oferecer
folhagens ressequidas para o companheiro
de todo inverno, o vento Euro.

Não é apenas o uso da expressão *in solo...angiportu* que me interessa nessa ode de Horácio, entretanto, é claro que seu uso está referendado pelo de Catulo, já que explicita um espaço público lúbrico. Assim como no poema 37, ele se refere à *salax taberna*, a lúbrica taberna, frequentada por jovens devassos, *omnes pusilli et semitarii moechi* – “todos ralé, putanheiros dos becos”. Assim, Horácio também põe em relevo algo que já soara em Catulo e que reverberava em Propércio: a relação entre juventude e sexo. Afinal enquanto Lídia era jovem, muitos *iuuenes proterui*, jovens libidinosos, buscavam sua porta – e a metáfora da porta, do παρακλαυσίθυρον, portanto, vasa para outro gênero poético – além do fato da qualificação moral, tanto desses jovens quanto a de Lídia. Esses mesmos *iuuenes proterui*, parece-me são os *nepotes magnanimi Remi* de 58, que Kevin Muse apresenta:

This pejorative connotation makes for an elegant double entendre – not only have the descendants of Remus degenerated from the austere ideals of early Rome, the term *nepotes* embodies what the Romans have become: a crowd of wastrels. In his fundamental article on the semantics of *nepos* in its sense of *luxuriosus*, Heller hints that Catullus is playing on the pejorative meaning of the word; otherwise, the possibility has been overlooked in commentaries and translation (MUSE, 2009, p. 303).

Assim tantos *nepotes* do poema 58, assim como os *iuuenes proterui* da ode horaciana, a meu ver correspondem ao *adulescens*, apresentado por Cícero no *Pro Caelio* em pleno *tirocinium adulescentiae*, como o *ego*-elegíaco de Propércio. É prudente notar também que Lídia não é apenas uma amada apenas do eu-lírico, ela é igualmente vulgar como Lésbia e Cíntia, além do fato de seu próprio nome, como também o das outras duas são referências espaciais gregas que, a meu ver, referendam *seu modo de ser*. Cíntia, por exemplo, em Propércio aparece assim construída:

Non ita complebant Ephyraeae Laidos aedes,
ad cuius iacuit Graecia tota fores;
turba Menandreae fuerat nec Thaidos olim
tanta, in qua populus lusit Ericthonius;
nec, quae deletas potuit componere Thebas,
Phryne tam multis facta beata uiris.¹⁰

Não vinham assim à casa de Laís de Éfira,
em cuja porta curvou-se toda Grécia;
Nem outrora for a tamanha turba à de Taís de Menandro
Na qual brincou o povo de Erictônio;
Nem Frina, que pôde refazer Tebas destruída,
Tornou-se rica por ter tantos homens.

Mas retomemos Lésbia. Sua atividade público-privada – “uma parceria”, portanto – é explicitamente sexual: ela “*glubit*”, verbo de cunho onomatopáico cujo significado está ligado à *felatio*, felação. *Glubo*, “tirar a casca ou a pele” remete, pois, a uma atividade sexual. Entretanto, nesse caso a atividade sexual não se restringe a um único parceiro ou referente pessoal, antes serve a um coletivo, uma coletividade, todos os habitantes de Roma (*Remi nepotes*). Creio, portanto, que a variedade de referentes no uso pessoal em 8 é retomado em 58 pelo uso da metáfora [illa] *glubit magnamimos Remi nepotes*. Quero crer que a primeira terça parte da coleção de Catulo, isto é, os primeiros 60 poemas, ainda que não sejam exclusivamente dedicados a Lésbia, esquadrinham, desenham a figura desta mulher como uma prostituta, uma mulher cuja clientela são os jovens romanos, quiçá, novos poetas, ou poetas novos que ora a entendem como uma companheira, como uma amada, ora a têm como uma serviçal de seus desejos sexuais. A multivalência ética de Lésbia, por assim dizer, além de compor um quadro que representa um tipo de atividade econômica, também esquadrinha, ou melhor, rascunha a imagem, o ἦθος de jovens rapazes, público alvo dessa atividade econômica feminina e público alvo e sujeito deste novo tipo de poesia.

Corroborar esta hipótese, a assertiva de Greene que não admite que o *ego* apresentado nos poemas de Catulo representa uma experiência única de vida de uma pessoa. Na verdade, ela entende que a complexa configuração de vozes e de falantes em muitos poemas de Lésbia sugerem, ao contrário, confusa identidade que torna impossível associar o *ego* poético de Catulo a uma pessoa particular fora do poema e termina afirmando: “Rather than revealing ‘the truth of who Catullus is’, the poet’s use of multiple speaking voices dramatizes the fragmenting effects of amatory experience and reveals paradoxes that inhere in erotic discourse.” (GREENE, 2000, p. 78).

¹⁰ Prop. 2A.6.1-6: Tradução de Paulo Martins

Referências

- ALLEN, A. W. Sincerity and the Roman elegists. *Classical Philology*, n. 45, p. 145-60, 1950.
- DYSON, M. Catullus 8 and 76. *Classical Quarterly*, v. 23, n. 1, p. 127-143, 1973.
- FEAR, T. The Poet as Pimp: Elegiac Seduction in the Time of Augustus. *Arethusa*, v. 33, n. 2, p. 217-240, 2000.
- _____. Propertian Closure. In: ANCONA, R.; GREENE, E. (Eds.). *Gendered Dynamics in Latin Love Poetry*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press:13-40, 2005.
- FITZGERALD, W. Catullus and the Reader: The Erotics of Poetry. *Arethusa* 25, p. 419-43, 1992.
- _____. *Catullan Provocations*. Lyric Poetry and the Drama of Position. Berkeley: University of California Press, 1996.
- GAISSER, J. H. *Catullus*. London: Blackwell, 2009.
- GREENE, E. The Catullan Ego: Fragmentation and the Erotic Self. *American Journal of Philology*, v. 116, n. 1, p. 77-93, 1995.
- _____. Gender Identity and The Elegiac Hero In Propertius 2.1. *Arethusa*, v. 33, n. 2, p. 241-261, 2000.
- GRIFFIN, J. Augustan Poetry and the Life of Luxury. *Journal of Roman Studies*, v. 66, p. 87-105, 1976.
- _____. *Latin Poets and Roman Life*. London: Duckworth, 1985.
- GUNDERSON, E. Catullus, Pliny, and Love-Letters. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, n. 127, p. 201-231, 1997.
- LYNE, R. O. A. M. *The Latin Love Poets: From Catullus to Horace*. Oxford: Clarendon Press, 1980.
- MARTINS, P. Breve história da crítica da Literatura Latina. *Classica*, v. 21, n. 2, p. 189-204, 2008.
- _____. *Elegia Romana: Construção e Efeito*. São Paulo: Humanistas, 2009.
- _____. Rumor, lei e elegia: considerações sobre Propércio 2.7. *Archai*, 2015b. *Em edição*.
- _____. Sobre a metapoesia em Propércio e na poesia erótica romana: o poeta rufião. *Classica*, 2015b. *Sob referee*.
- _____. O jogo elegíaco: fronteiras entre a cultura material ou intelectual e a ficção poética. *Nuntius Antiquus*, 2015c. *Sob referee*.
- MUSE, K. Fleecing Remus' Magnanimous Playboys: Wordplay in Catullus 58.5. *Hermes*, v. 137, n. 3, p. 302-313, 2009.
- ROWLAND, R. L. 'Miser Catulle': An Interpretation of the Eighth Poem of Catullus and Catullus. *Greece and Rome*, v. 13, n. 1, p. 15-21, 1966.

SKINNER, M. Catullus 8: The Comic 'Amator' as 'Eiron'. *Classical Journal* v. 66, n. 4, p. 298-305, 1971.

WISEMAN, T. P. *Catullus And His World. A Reappraisal*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.